

O CAE e a política cultural, cinco questões essenciais .

24-Jul-2009

Os/As Viseenses tiveram conhecimento, através dos Argêntos de comunicaçãŁo social, que o executivo camarãrio liderado por Fernando Ruas fez aprovar no dia 9 de Julho, por adjudicaçãŁo directa, a projecãŁo do novo Centro de Artes e Espectãculos (CAE) ao arquitecto Filipe Oliveira Dias por um valor que ultrapassa os 700 mil euros. Ficãmos a saber que serã construído junto à Fonte Cibernãtica e ao Tribunal Judicial, nos antigos terrenos da CP. Ficãmos tambãm a saber que o CAE terã um custo estimado de 12 milhães de euros e que a adjudicaçãŁo da obra serã lanãada em Setembro.

O que nãŁo ficãmos a saber ã, no entanto, muito mais importante, significativo e determinante para a Cidade e o Concelho. Cinco questães que tãm de ser colocadas e carecem de respostas cabais e de uma ampla discussãŁo pãblica.

1) Porquã lanãsar uma obra com custos tãŁo elevados alguns meses antes das eleiães autãrquicas? Acompanhãmos nas ãltimas semanas a exigãncia do PSD de revisãŁo das grandes obras pãblicas previstas pelo governo PS, devido à aproximaçãŁo da data das eleiães. Porque nãŁo a mesma exigãncia agora, a nã-vel local? Deve ou nãŁo o poder executivo ter a sua acãŁo limitada politicamente na vãspera das eleiães? ã% ou nãŁo populismo o lanãsamento de grandes obras pãblicas no final dos mandatos, sendo que a factura desse lanãsamento serã sempre paga pelo executivo seguinte?

2) NãŁo me oponho à criaçãŁo de novos espaãos potenciadores de cultura, criatividade e desenvolvimento na nossa cidade mas, para que uma infra-estrutura cultural cumpra o seu papel, esta tem de ser incluãda num pensamento estruturado, integrado, convergente e dinãmico sobre a cultura, o seu papel na cidade e no desenvolvimento. NãŁo parece ser este o caso. Temos de repensar primeiro uma estratãgia de cultura e desenvolvimento para a cidade e depois pensar as infra-estruturas que serãŁo necessãrias para que esta estratãgia seja cumprida. Aquilo que foi feito e projectado ã precisamente o oposto, primeiro lanãsamos a obra e depois pensamos o que fazer com ela. Ora vejamos, que ligaçãŁo terã o novo CAE ao teatro Viriato? Que ligaçãŁo terã o novo CAE com outras infra-estruturas determinantes do distrito como o teatro ACERT? Que relaçãŁo terã o CAE de Viseu com os seus congãneres regionais mais prãximos (CAE da Figueira da Foz e da Guarda)? Terã com eles uma relaçãŁo de competiçãŁo ou de cooperaçãŁo? Que relaçãŁo terã o CAE com os outros agentes culturais da cidade?

3) O valor monetãrio envolvido na construçãŁo do CAE faz desta uma obra estruturante para toda a cidade. Qual foi o critãrio usado para a escolha da sua localizaçãŁo geogrãfica? Que consequãcias terã esta obra no planeamento e desenvolvimento do territãrio? Numa altura em que a cidade se encontra muito preocupada com o seu Centro Histãrico, que

relação ter o CAE com a parte mais nobre da cidade, o Centro Histórico?

4) Sendo esta uma obra da cidade porque não envolver toda a população na discussão dos objectivos e nas valências desta infra-estrutura? Será esta uma obra projectada para grandes espectáculos de fim-de-semana, como tudo indica, estando vazia e de costas voltadas para a população 6 dias por semana? Qual o modelo de gestão para o CAE e porque não ser esta uma gestão participada por todos/as os/as cidadãos/as?

5) Já sabemos qual o custo para colocar a obra de pé, mas qual o custo de manutenção do edifício e dos seus serviços? Será o executivo disposto a aumentar a dotação orçamental do pelouro da Cultura ou serão desviadas verbas de outros projectos culturais para o CAE?

As dúvidas que este projecto levanta são mais do que as certezas. O bom senso impõe que a obra seja adiada e que seja lançada uma ampla discussão sobre a política cultural da cidade. E esta é também uma discussão sobre as suas infra-estruturas e sobre o seu financiamento. Pensar a Cultura é pensar a Cidade e a Cidade é pensada e vivida em conjunto, por todos e por todas.

Bruno Gaminha, Físico